

O APRENDIZADO DA ORTOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS: As Principais Dificuldades e Proposições para uma Melhor Abordagem do Tema

Gabriel Montenegro¹

Nayara Alcantara²

Resumo

Este artigo objetivou analisar e refletir sobre as principais razões que levam o ensino de ortografia a ser ineficaz e a fazer com que dificuldades presentes nos anos iniciais sejam comuns ainda em fases posteriores da vida dos alunos. O público-alvo foi constituído de alunos e professores dos anos iniciais da educação. Para tanto, foram revisadas pesquisas e obras que estudiosos têm elaborado e preconizado sobre o tema. A fim de se propor reflexões e metodologias que sejam mais prolíficas e benéficas no que diz respeito ao ensino dessa matéria que é tão preponderante e fundamental tanto na vida escolar quanto para as demandas que à vida são inerentes. O que, ao finalizar este artigo, conclui-se que, embora discussões e proposições para uma melhor abordagem da ortografia em sala de aula venham ocorrendo, ainda há muito o que se fazer para tornar tanto o aprendizado quanto o ensino da ortografia mais proveitoso.

Palavras-chave: Ensino. Ortografia. Aquisição.

LEARNING SPELLING IN THE EARLY YEARS: The Main Difficulties and Proposals for a Better Approach to the Theme

¹Graduando em Letras pelo UGB/FERP.

²Mestranda em Ensino pelo Centro Universitário de Volta Redonda. Especialista em língua Portuguesa, Gestão e Docência Escolar e Gestão e Docência em Ensino Superior pelo UGB/FERP.

Abstract

This article aimed to analyze and reflect on the main reasons why the teaching of spelling is ineffective and why difficulties present in the early years are common even in later stages of the students' lives. Our target audience was students and teachers from the early years of education. Therefore, we review researches and works that scholars have elaborated and advocated on the subject, in order to propose reflections and methodologies that are more prolific and beneficial with regard to teaching this subject, which is so prevalent and fundamental both in school life and for the demands that are inherent in life. What, at the end of this article, we conclude that, although discussions and proposals for a better approach to spelling in the classroom have been taking place, there is still a lot to be done to make both learning and teaching spelling more fruitful.

Keywords: Teaching. Orthography. Acquisition.

Introdução

O presente artigo objetiva analisar as principais razões que levam os alunos a terem tantas dificuldades com o aprendizado da ortografia, dificuldades estas que se iniciam nos anos primários da formação escolar e perduram até fases posteriores, até mesmo no Ensino Superior. Busca ainda reforçar o papel dos docentes na sala de aula, no que se refere ao ensino da ortografia e corroborar com estudiosos que têm preconizado o ensino desta matéria aliado ao contexto social do aluno e com abordagens mais dinâmicas.

Para tanto, buscaremos demonstrar que a qualidade do aprendizado da ortografia nos anos iniciais do ensino fundamental é de suma importância, levando em conta o modo que será reproduzida a norma ortográfica para os alunos e como eles assimilarão. Sendo assim, algumas indagações são imprescindíveis no que concerne ao tema, tais como por que os erros de ortografia comuns na aquisição da escrita dos alunos se refletem ainda em fases posteriores de suas vidas? O que o professor, em sala de aula, pode fazer para mitigar este problema? Quais metodologias devem ser implementadas para uma melhor abordagem do tema?

Visando responder a todas essas questões, procuramos, ao decorrer de

Rev. Episteme Transversalis, Volta Redonda-RJ, v.13, n.2, p.203-216, 2022.

nosso artigo, consultar artigos de estudiosos sobre o tema, exercícios e propostas de atividades, como também livros que nos fornecessem ideias e resultados a que chegaram pesquisadores que se debruçaram sobre a problemática. Com o objetivo de melhorar e trazer resultados mais positivos ao ensino e aprendizado em sala de aula, no que se relaciona à ortografia.

Nessa perspectiva, a intenção aqui apresentada não é trazer ideias inéditas, tampouco criticar de maneira açodada a forma com a qual nossa educação é hoje administrada, buscamos apenas reforçar considerações e proposições que alguns estudiosos já há algum tempo vêm recomendando.

No mais, tendo em vista o tempo presente, julgamos não ser mais viável que profissionais de educação ministrem suas aulas do mesmo modo que há algumas décadas (modo este ainda vigente), visto que a educação, os alunos e a sociedade passaram por transformações que impelem o educador a adotar uma pedagogia educativa mais dinâmica e condizente com o contexto social do aluno.

O valor da ortografia

A ortografia é imprescindível em qualquer língua escrita, uma vez que seria impossível a comunicação entre diferentes regiões dentro de um mesmo território ou fora dele sem a devida organização. Imaginemos por exemplo como seria o mundo se cada um escrevesse como quisesse? Nesse sentido, é irrefragável que a ortografia faz-se necessária, não sendo somente imposição ou mera convenção sem finalidade, visto que visa fornecer elementos que culminem numa comunicação sem ruídos.

Nesse sentido, a ortografia, Segundo Moraes (2003, p. 19), “funciona assim como um recurso capaz de cristalizar na escrita as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua”. A isso acrescenta-se ainda, o caráter neutralizador da ortografia, já que, em um mesmo país ou território, os indivíduos podem trazer consigo diferentes dialetos.

Rev. Episteme Transversalis, Volta Redonda-RJ, v.13, n.2, p.203-216, 2022.

A ortografia facilita, nesse aspecto, a compreensão via escrita de palavras que na fala não sejam familiares a alguém. Em Cagliari (1989) fica evidenciado que uma das funções da ortografia é, portanto, neutralizar a variação dialetal.

Paralelas às necessidades de comunicação e neutralização dialetal, insta destacar, ainda, o caráter sociocultural da ortografia, já que pessoas que se exprimem ortograficamente de forma incorreta são alvos de discriminação e censura pelos erros cometidos. Dentro da sala de aula, ainda que por vezes de forma involuntária, tal situação é pior, afinal, ali é um ambiente em que os discentes são demasiadamente avaliados.

A ortografia em sala de aula

Ao adentrar a sala de aula e começar a ter contato com a produção textual ou assuntos similares, é notório que uma das maiores dificuldades dos alunos em sua vida escolar é com a ortografia. Várias são as razões para que isso ocorra, no entanto, algumas mais notórias são necessárias pontuar.

Os discentes costumam ter mais dificuldades com a escrita em momentos que se deparam com palavras que, embora as conheçam no campo da oralidade, sabem que pode haver a possibilidade de serem escritas de diferentes modos. Diante do impasse e da dúvida, acabam grafando errado. Tal ocorrência não deve ser motivo de excessiva preocupação por parte do professor, uma vez que esses erros, na verdade, mostram que o aluno tem consciência do mundo a sua volta e tenta transcrever para o papel o conhecimento que já lhe é ínsito, tais colocações são ratificadas por Cagliari (1999) em uma citação de Nunes (2006, p. 97):

Não é pelo fato de a criança conhecer a palavra oralmente que, para escrever essa palavra, deve contar com a mesma facilidade e familiaridade. Não é justo avaliar a dificuldade da criança considerando-a incapaz, deficiente auditivo, retardada ou leviana e desatenta... Só porque tem dificuldades em decidir como escrever ortograficamente umas tantas palavras, sejam quais forem.

Por isso, o professor deve ser mais flexível na sala de aula, entendendo que não é porque o educando ainda não possui maturidade para escrever, obedecendo as regras ortográficas, que não possui conhecimento ou seja desleixado.

Disto isto, concebemos que, ao ministrar as aulas, os professores devem permitir que os alunos consultem dicionários, conversem com seus colegas, discutam e reflitam sobre seus desvios ortográficos, visto que, através dessa interatividade e “liberdade”, o discente será um terreno mais fértil no que tange à aquisição da escrita.

O fator leitura

Outra importante constatação a se fazer é a de que as dificuldades que os alunos têm com relação à ortografia, além da já citada, está muito associada à pouca leitura à qual os educandos são submetidos, uma vez que a leitura é um dos mecanismos mais eficazes para desenvolver discentes mais aptos tanto para compreender quanto para produzirem com maior qualidade.

Em muitas ocasiões, o desconhecimento de algumas palavras, assim como de que modo esta deve ser escrita, acarreta em erros ortográficos, visto que a palavra, ao aluno, não é familiar. Cagliari (2006:48) afirma que “a leitura é uma herança maior do que qualquer diploma.” Guedes corrobora ao pontuar “a aula de português só faz sentido se for dada por um leitor para leitores.” (2006: 32).

O contexto social e a ortografia

É imprescindível, ainda, que se destaque outro fator crucial para a potencialização do problema oriundo do ensino da má abordagem em sala de aula da ortografia: o ensino descontextualizado, sem nexos e fundamentado ainda na

forma ortodoxa de “assinalar o erro” sem, no entanto, explica-lo. isto é, não adianta o professor sublinhar o erro mas não averiguar o porquê e qual a natureza da dúvida que levou o aluno a cometê-lo.

Nesse aspecto, segundo Cagliari (1989, p. 29-30), uma das grandes causas do problema do ensino da ortografia, é o fato de que “a escola não parte do conhecimento que a criança tem de sua fala e da fala de seus colegas para a partir daí, ensinar o que deve. A escola parte de um abecedário e de uma fala (típica de professora primária) completamente estranha à criança”.

Lajolo (1991:59) corrobora: “Ler não é decifrar, o texto tem que ter sentido para o aluno, pois a partir dele que se constroem significados, conseguindo estabelecer relações. O texto não pode ser apenas um “pretexto” na sala de aula.”

Mediante aos argumentos supracitados, urge a necessidade de os docentes se atentarem a estes fatos, visto que uma nova perspectiva sobre esse tema proporcionará aos alunos aulas mais prazerosas, que lhes serão benéficas não somente na fase escolar, mas também em fases posteriores da vida.

Segundo Mendonça (2006) e Kleimam (2006) a produção textual tem sido um trabalho extenuante e maçante, que objetiva apenas apontar seus desvios ortográficos.

Sendo este um dos principais motivos da escola e dos educadores não lograrem o êxito desejado no ensino da língua vernácula. Vale ressaltar que é primordial que se leve em consideração, tanto a escola quanto os docentes, todas as experiências sociais e o acervo linguístico do educando, visto que tais fatores forjam a personalidade do aluno e podem contribuir para um melhor ensino-aprendizado.

Destaca-se ainda, que estudos já comprovam que quando o aluno aprende com atividades ou assuntos que fazem parte de seu cotidiano, os erros e desvios ortográficos tendem a diminuir, uma vez que o assunto lhe é familiar. Diante de tal situação, a escrita torna-se algo criativo e dinâmico. Embora tal estudo não seja o escopo de nossa abordagem, pensamos ser de suma importância ressaltar.

Considerações sobre a ortografia

O estudo da ortografia é complexo porque a nossa língua, tal como é, apresenta inúmeros casos de irregularidades no que diz respeito à relação entre som e letra. Sendo, portanto, necessária que haja um estudo mais específico que ajude o aluno compreender as normas e a selecionar a correspondência exata.

A norma ortográfica da nossa língua apresenta casos de regularidades e irregularidades na relação entre sons e letras. Em nossa língua as correspondências regulares podem ser de três tipos: diretas, contextuais e morfológico-gramaticais. A apropriação dessas restrições se dá por meio da compreensão dos princípios gerativos da norma, isto é, das regras. As correspondências irregulares, por outro lado, não apresentam uma regra que ajude o aprendiz a selecionar a letra ou o dígrafo que deverá ser usado. Apenas um dicionário ou memorização poderá ajudar, nesses casos. (Moraes, 1998)

Explicitando: as regulares diretas são visíveis quando só há um grafema para grafar determinado fonema. Vejamos: o P representará sempre o mesmo fonema /P/ (**P**araná, **co**pa, **cha**péu...) independente da posição que ocupar na palavra.

As regulares contextuais, por sua vez, sucedem quando a letra-som é determinada pela posição em que a letra aparece. Por exemplo: o uso do **C** ou **QU** está atrelado ao som **K**, dependendo da vogal com a qual forme determinada sílaba (café, pequenino).

As correspondências regulares morfológico-gramaticais são compostas de regras que envolvem morfemas tanto ligados à formação de palavras por derivação lexical como por flexão (Moraes, 1998). Isto é, nessas situações, os aspectos gramaticais é que irão determinar o grafema a ser utilizado. Por exemplo: francesa, grafa-se com o sufixo **esa**, enquanto destreza com o sufixo **eza**. Tais exemplificações estão presentes tanto em substantivos quanto em adjetivos.

A respeito das irregularidades, apresentaremos um breve panorama que discorra sobre este assunto, visando uma melhor compreensão para que possam ser adotadas as ideias que inspirarão os exercícios posteriormente mostrados.

Vejam, a respeito das irregularidades, podemos mencionar aqueles que estão relacionados ao uso dos fonemas: /s/ (**s**audade, **exc**eto **na**sça). Fonema **z** (**z**ebra, **ca**sarão).

Pesquisas têm demonstrado que o processo de reflexão ortográfica se dá de forma gradativa. O fato de uma criança dominar um tipo de regra não implica o domínio de regras semelhantes, pois parece existir uma complexidade distinta entre regras de um mesmo tipo, tornando algumas mais fáceis de serem apreendidas que outras (Curvelo; Meireles; Correa, 1998; Melo, 2001; Pessoa, 2007).

Mediante tais constatações, entendemos que, no que tange ao ensino de ortografia, é primordial que o docente esteja e seja munido de conhecimento para ministrar a matéria, visto que conhecer as regras que regem a ortografia e saber explica-las, e abordá-las fará com que o professor tenha um leque maior de possibilidades que poderá ser implementado em sala de aula visando a elaboração de exercícios mais dinâmicos.

Feitas estas considerações, a seguir, traremos ideias de exercícios e abordagens que podem ser introduzidas em sala de aula, no que diz respeito ao ensino de ortografia, que podem ser mais benéficas e produtivas, e, ainda, oferecer aos docentes mecanismos diferentes, que aumentará seu acervo de possibilidades em aulas que sejam deste segmento.

Nossas proposições não são inéditas, são, porém, reflexivas e com base em livros e obras de profissionais que se debruçaram sobre o assunto e elaboraram exercícios e planos de aulas mais pedagógicos.

Propostas de exercícios

Conforme anteriormente abordado, as regras apresentam variações, isto é, não há uma generalização. Dito isto é importante que o professor não apenas tenha ciência do caráter não homogêneo das regras ortográficas, é necessário, ainda, que tal temática seja explorada em sala de aula.

Rev. Episteme Transversalis, Volta Redonda-RJ, v.13, n.2, p.203-216, 2022.

Tendo em vista, primeiramente, o caráter convencional da norma ortográfica e que não há uma relação biunívoca entre letra e som (pelo menos não integralmente), e que, portanto, a criança não tem esse conhecimento prévio, o professor deve intermediar o processo de aquisição.

Em seu trabalho de conclusão de curso, Melo (2010), analisando o ensino de ortografia em turmas do 3º e 4º ano do ensino fundamental de Recife, constatou o que nas seções anteriores temos destacado, a saber, o ensino de ortografia sempre atrelado a assinalar o erro do discente para, em seguida, corrigi-los. O que, como demonstrado, entendemos ser infrutífero. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 1. Análise de exercício

(A aula foi iniciada com um ditado) os próprios alunos ditavam as palavras que deveriam ser escritas. Posteriormente, cada aluno foi ao quadro e escreveu as palavras que foram ditadas. Enquanto escreviam, a professora ficava ao lado da criança. Em caso de dúvida na escrita da palavra, ela falava a palavra pausadamente. Já em outros momentos, ela dizia o que estava errado na palavra para que o aluno corrigisse. Um dos alunos escreveu a palavra TRICOLOR sem o R final.)

Professora - Coloque o R no final!

(Um aluno foi ao quadro e escreveu a palavra ÁRVORE sem o assunto correspondente e a professora disse:)

Professora - E o acento?

(Outra aluna escreveu a palavra IRMÃ no lugar de irmão)

Professora - Coloque o O

(A aluna acrescentou o O, apagou o til (~) que estava em cima da letra A e o posicionou entre a letra A e o O).

(Um aluno escreveu ARCOIRIS e a professora imediatamente pegou o pincel de quadro branco e falou:)

Professora - Tem um hífen!

(E colocou-o no local adequado e ainda acrescentou o acento).

Fonte: Adaptado. MELO, 2010.

Entendemos, mediante a situação-aula disposta no quadro acima, que tal abordagem não fomenta no aluno a reflexão sobre a língua e ainda não os torna autônomos no processo de aquisição da escrita, o que certamente implicará em não domínio da escrita e da compreensão dos mecanismos necessários para produções textuais mais qualificadas em fases posteriores.

Esse tipo de atividade realizada em sala de aula contribui para a não valorização da ação do aluno como sujeito de sua aprendizagem. É possível perceber que os alunos não são estimulados a desenvolver uma ação reflexiva sobre a sua escrita. Desse modo, não é possibilitada a construção dos conhecimentos das regras numa situação mediadora, pois escrever a forma “correta sobre a escrita do aluno não garante ao aprendiz um espaço de reflexão sobre a (orto) grafia como objeto do conhecimento. (Leite, 2005, p. 116)

Nesse sentido, Moraes (2005) preconiza que o docente faça um mapeamento, através de ditados em sala de aula, nos quais as regras que o professor quisesse trabalhar fossem contempladas. Outra alternativa seria a escrita espontânea, no entanto, esta não garantiria que todas as regras seriam abordadas no plano de aula.

Reelaborando os exercícios

No quadro a seguir, apresentaremos um formato de exercício oriundo de uma pesquisa desenvolvida por Pessoa (2007), em que Júlia, aluna do 3º de uma escola particular da região metropolitana de Recife, é convidada a cometer erros intencionais conforme mostraremos a seguir:

Quadro 2. Proposta de Exercício

Durante um dos encontros lancei um desafio para Júlia. Com base em uma produção de texto realizada anteriormente por Júlia, propus que ela imaginasse um aluno de outro país que não conseguia escrever bem o Português. Nesse sentido, quando eu apontasse uma palavra, anteriormente escrita corretamente por Júlia, ela deveria imaginar como a criança de outro país escreveria tal palavra.

Professora: Que palavra é essa que você escreveu aqui?

Júlia: Macarrão

Professora: Como você imagina que o menino de outro país escreveria essa palavra?

Júlia: Macarão.

Professora: Qual é a diferença?

Júlia: Porque macarrão tem dois “r” e “**macarão**” só tem um.

Professora: E o que você poderia ensinar para que o menino não errasse mais?

Júlia: Aprendendo Português.

Professora: Existe alguma regrinha que diga se é com um r ou dois r?

Júlia: Existe.

Professora: Qual é a regrinha?

Júlia: É do português

Professora: E como você sabe quando usar um r ou dois r?

Júlia: Por causa do som.

[...]

Professora: E se eu escrever rato?

Júlia: Um só.

Professora: E aí não fica igual esse som? (mostrando a palavra macarrão)

Júlia: Fica

Professora: E daí como é que eu vou saber que rato não é com dois r?

Júlia: porque em rato o r é no começo. Não pode botar dois r só pode botar no meio.

Professora: No meio de quê?

Júlia: Da palavra. Agora só pode ser assim: um r só tem som desse aqui no meio da palavra (apontando para a palavra com dois r) se tiver uma consoante em vez de uma vogal antes.

[...]

Professora: Se for entre duas vogais, é como?

Júlia: Se botar um r fica macarão.

Fonte: Adaptado. PESSOA, 2007.

Analisando a situação de aula acima disposta, identificamos que uma abordagem mais direcionada, a saber, a reelaboração de exercícios, pode ser um dentre os vários mecanismos que os educadores podem aderir para tornar o ensino da ortografia mais facilitado e produtivo.

Verifica-se, ainda, o que defendemos anteriormente, que a supracitada proposta de exercício demonstra que o aluno consegue ter algumas noções sobre as regras ainda que de forma mais limitada, o que, com um trabalho e mediação do professor, esse conhecimento será lapidado, explorado e amplificado.

É, portanto, irrefragável que há a necessidade de que o professor incite e fomenta nos alunos a reflexão e a busca por uma consciência no que reflete à escrita e ao ensino de ortografia.

Considerações Finais

Ao pesquisar trabalhos, artigos e obras sobre o assunto consideramos satisfatórios os resultados das buscas, pois foi evidente que estudiosos e pesquisadores têm se lançado sobre o tema.

Conforme mencionado ao introduzir as razões de nossa pesquisa nesse trabalho, não buscamos adicionar ideias inéditas, apenas, por intermédio de laboriosas pesquisas já feitas, reforçar que urge que o ensino de ortografia seja mais dinâmico e que as ideias aqui apresentadas sejam aderidas.

Rev. Episteme Transversalis, Volta Redonda-RJ, v.13, n.2, p.203-216, 2022.

No mais, aos futuros professores que adentrarão as salas de aula, recomendamos que busquem, nas pesquisas até então aqui trazidas, apoio para a elaboração de suas aulas, para que possamos apresentar melhores resultados no que tange ao ensino em sala, uma vez que hoje o acesso a informações e a metodologias mais eficazes são muito mais acessíveis do que há algumas décadas.

É imprescindível, portanto, que os profissionais estejam em simbiose com a educação e seus avanços.

Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem o bá-bé-bi-bo-bu**. São Paulo: Scipione, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2006.

CURVELO, C. S. de S.; MEIRELES, E. de S.; CORREA, J. **O conhecimento ortográfico da criança no jogo da força**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 11, n. 3, 1998.

GUEDES, Paulo Coimbra. **A formação do professor de português: Que língua vamos ensinar?** São Paulo: Parábola, 2006.

KLEIMAM, Ângela. **Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio**. In: BUZEN, C e MENDONÇA, M (org) *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

LAJOLO, Marisa. **O texto não é pretexto**. In: ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 10ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

MELO, A. A. de. **O ensino da ortografia nos anos finais do ensino fundamental**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação Pedagogia, Universidade federal de Pernambuco, Recife, 2010.

MORAIS, A.G. de. **Representaciones infantiles sobre la ortografía del português.** 1995. tese.(Doutorado em Psicologia do ensino e da aprendizagem), Universidad de Barcelona, Barcelona, 1995.

MORAIS, A.G. de. **Ortografia: ensinar e aprender.** São Paulo: Ática, 1998.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender.** 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

NUNES, Gisele da Paz. **O aproveitamento da ordem de aquisição das sílabas cartilhas adotadas no município de Catalão - GO.** 2006. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - UNESP, Araraquara, 2006.

Silva, Alexsandro. Lima, Ana. PESSOA, A.C.R.G. **Ensino de gramática: reflexões sobre a língua portuguesa na escola.** Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012.